



A diretoria da Daimler-Benz aprovou ontem a fusão da empresa alemã com a americana Chrysler. A decisão final caberá aos acionistas de ambas as empresas. A fusão, que reúne US\$ 38 bilhões, terá

que ser aprovada pelos órgãos reguladores dos dois países. As empresas fizeram, no fim do ano, assembléias extras para submeter à votação a fusão, que foi anunciada na semana passada.

Reservas batem recorde em abril

Saldo atinge US\$ 73,8 bilhões e, segundo o Banco Central, dá tranquilidade em caso de qualquer crise externa

Apesar de positivo, volume acumulado provoca o crescimento da dívida do Governo, com pagamento de juros

As reservas internacionais do País fecharam o mês de abril com o saldo de US\$ 73,8 bilhões no conceito de caixa, que considera os recursos efetivamente disponíveis. Em liquidez internacional - conceito que inclui créditos a serem recebidos -, as reservas atingiram o total de US\$ 74,6 bilhões. Nos dois conceitos, os volumes de divisas são recordes históricos.

Fontes da diretoria do Banco Central consideram que o atual nível de reservas supera em muito o volume necessário para que o Governo tenha tranquilidade para enfrentar qualquer adversidade na área externa, como no período da crise asiática. "Poderíamos ter entre US\$ 10 bilhões e US\$ 12 bilhões a menos de reservas", afirmou uma destas fontes. "Se perdessemos uns US\$ 7 bilhões ainda teríamos US\$ 55 bilhões".

Os novos volumes de reservas correspondem a 15 meses de importação, nível que não era atingido desde agosto do ano passado. No mês, o aumento das reservas chegou a US\$ 6,1 bilhões.

Embora este crescimento de divisas seja positivo do ponto de vista externo, a acumulação de reservas provoca crescimento da dívida mobiliária. Isso porque, no momento em que adquire a moeda estrangeira, o Governo é obrigado a emitir títulos para enxugar o excesso de dinheiro em circulação no mercado. E tem de remunerar

com juros quem adquire os títulos.

De acordo com o chefe do Departamento Econômico (Depec) do Banco Central, Altamir Lopes, hoje a dívida de curto prazo contraída pelo Brasil representa um total de 55,8% das reservas internacionais. É o menor nível dos últimos quatro anos, pois em 97 esta relação chegou a 67,6% ante os 62,9% de 96 e 58,9% de 95.

Lopes ressaltou que, ao contrário dos que pregam especialistas do mercado - alguns deles consideram que esta relação indica vulnerabilidade do País -, a maior parte da dívida de curto prazo refere-se às operações de comércio. "As operações de comércio jamais foram afetadas por qualquer crise", afirmou.

Outra parte da dívida de curto prazo está em operações de 63-Caipira, aquelas destinadas ao financiamento agrícola mas que, até março, vinham sendo desviadas para aplicações em renda fixa. O prazo mínimo das 63-Caipira é de seis meses.

Até março último, a dívida externa do País totalizou US\$ 212,4 bilhões, o que representa a parcela de 26,6% do Produto Interno Bruto (PIB) ou 3,1 vezes o valor das reservas internacionais. Destes US\$ 212,4 bilhões, US\$ 38,2 bilhões são referentes a dívidas de curto prazo contraídas pelos setores público e privado. Os outros US\$ 174,1 bilhões também são dívidas dos governos e de empresas, mas de médio e longo prazos.